

Mestre Jelon Vieira:

“... eu colaborei com a panela cultural de Nova York”.

Eu tenho que fazer uma volta muito grande. Eu estava morando na Europa, recebi um convite para participar de um show, em 1975, e logo depois do show era para eu voltar para Londres, onde estava radicado, também fazendo um trabalho com capoeira. Eu estava fazendo um trabalho em Londres e era pra vir fazer esse show e seis meses depois voltar, mas eu acabei ficando encantado com Nova York. E também já era uma coisa que eu tinha em mente há muitos anos, desde garoto eu tinha vontade de vir aos Estados Unidos, mas os Estados Unidos que eu falo era Nova York, porque para mim Nova York é uma cidade que é um país dentro dos Estados Unidos. E tinha essa vontade de vir aos Estados Unidos, a Nova York. Eu me identifiquei com Nova York e senti que eu me educava culturalmente andando na rua. Resolvi ficar, não voltei para Londres. Isso foi em abril de 1975.

Eu conheço todas as maiores metrópoles do mundo, com exceção de Moscou, na Europa eu conheço todas e não existe uma cidade como Nova York... Em Paris você encontra gente do mundo inteiro, mas ainda é bem francês. Nova York, com essa fusão de nacionalidades... Um dia, eu estava no trem e eram quatro línguas sendo faladas... quatro línguas assim... dentro do metrô, acontece em outros lugares, mas não com tanta frequência como em Nova York. Aqui, você pode resolver ir comer uma comida da Mongólia, você encontra a culinária mongol. A presença internacional é mais forte do que em qualquer outro lugar. Claro que isso existe em Paris, Londres, Berlim, mas, continuo dizendo, não é como Nova York.

Então você tem uma presença mais internacional do que realmente americana, principalmente nos cinco bairros que formam New York City: State Island, Queens, Bronks, Brooklyn, Manhattan... Eu morei num prédio em Manhattan por quinze anos que tinha gente do mundo inteiro: África, Ásia, Oriente Médio, América do Sul, Centro-América, só tinha uma ou duas famílias americanas e assim mesmo misturadas, uma era americana, mas era casada com um cubano e o outro era da Califórnia, casado com uma menina da Indonésia. Era um prédio de 12 andares e em cada andar tinham cinco

apartamentos. Então, não é à toa que Nova York é chamada o centro do mundo... a mentalidade é bem essa... se você viajar por dentro dos Estados Unidos, você não vai encontrar nada como Nova York, não tem, a atitude é diferente... tudo, tudo é diferente. Até o inglês aqui é falado completamente diferente de outras cidades dentro do próprio Estados Unidos. Então, eu considero Nova Iorque um país dentro dos Estados Unidos.

Manhattan foi o primeiro lugar que eu morei quando cheguei. Foi na 62, no Village. Foi a primeira rua onde eu morei e o primeiro bairro foi lá, no Village, em Manhattan. Eu sempre morei em Manhattan, mas claro, durante este tempo todo morei, acho que uns três meses, no Bronx, e morei um mês em State Island, mas sempre morei em Manhattan.

Comecei meu trabalho de capoeira em Manhattan no La Mama, um teatro que tem na East Four, na quarta rua do lado leste de Manhattan. Foi onde eu tive um apoio com quem eu estava fazendo um trabalho: Elannie Stuart, a diretora do teatro. Ela achava que a capoeira era uma arte que podia ajudar muito as crianças e ocupar os jovens durante o verão, uma coisa aqui fora que é um problema, e me convidou. Desse trabalho, ela conseguiu um espaço para eu abrir minha academia. Hoje falam que a academia do Mestre João foi a primeira academia aberta. Eu abri minha academia e ensinei capoeira lá de 1975 até 1979, na Great Jones Street, foi a primeira academia. O espaço foi somente dedicado à capoeira por quatro anos.

Quem trouxe o Mestre João Grande aqui pela primeira vez fui eu, em 1989. Eu gravei, fiz um disco com ele, Mestre Bobó, Mestre João Pequeno e trouxe ele pra lançar o disco aqui. Depois ele voltou e ficou. Mas comentam que Mestre João Grande abriu a primeira academia de capoeira nos Estados Unidos, então eu estou só corrigindo porque não é correta essa informação. Não é o Mestre João que fala, são as pessoas que comentam. Quando ele abriu aquela academia na 14, um espaço dedicado à capoeira, então as pessoas acharam que foi a primeira academia, não, eu abri uma academia em novembro de 1975 e mantive até o fim de ano também de 1979. Entendeu? A primeira academia, um espaço que era somente dedicado à capoeira.

Aqui em Manhattan mesmo. Naquela época não, não se conhecia capoeira como se conhece hoje... Eu e Loremil Machado trabalhávamos juntos, fazendo show de capoeira para poder sobreviver, porque só ensinar capoeira não era suficiente, então fazíamos show juntos. E Loremil se dedicou mais em ensinar dança, ensinava dança numa escola de dança

chamada Clark Center. Ele ensinava nesse espaço e eu ensinava capoeira no Great Jones. Loremil não ensinou capoeira por muito tempo. Ele era um bom capoeirista, mas também dançava muito bem e se dedicou mais à dança e eu fiquei com a capoeira, apesar que eu também dançava naquela época, porque nós tínhamos uma companhia de dança juntos e precisávamos dessas informações. Eu sempre ensinei capoeira e ele ensinou dança, mas mesmo assim ele ficava sempre na academia me ajudando, então somos os primeiros capoeiristas a ensinar capoeira nos Estados Unidos, os pioneiros e, em 1979, o Mestre Acordeon chegou em São Francisco, na Califórnia, aliás, o primeiro lugar foi no Texas, depois do Texas ele se mudou para a Califórnia.

Até 1984, foi quando começou a acontecer a segunda geração de capoeiristas, a segunda wave começou a aparecer e de 84 para cá foi só aumentando, aumentando, se espalhando e cobriu esse buraco que tinha entre leste e oeste. Antes a capoeira era encontrada ou na Califórnia ou aqui, em Nova Iorque, mas com os novos capoeiristas chegando, essa outra geração, na década de 90 explodiu.

Começou, aliás, no início da década de 80, quando eu trouxe vários mestres, trouxe o Camisa, trouxe o Boneco que ficou aqui comigo, o Mestre Boneco hoje em dia mora em Los Angeles, e vários outros mestres, mas esses não ficaram. Em 84, começou, trouxe um grupo de capoeiristas e eles resolveram ficar, o que foi muito bom, não só para eles, mas também para a capoeira. E aconteceu a mesma coisa com o Mestre Acordeon, ele começou a trazer capoeiristas para participar dos eventos e foram ficando e a família capoeira foi crescendo e hoje em dia está aí. Você encontra capoeira em todos os estados, em todas as grandes cidades dos Estados Unidos. Mais Regional do que Angola, mas já tem muito angoleiro ensinando capoeira e muita gente séria fazendo trabalhos.

Emília Biancardi Ferreira é uma musicóloga. Ela, realmente, é a pessoa responsável por eu sair do Brasil. Eu saí do Brasil viajando com o grupo que ela fundou, o primeiro grupo folclórico, fundado em 1963, chamado Viva Bahia, e eu deixei o grupo e fiquei morando em Paris, depois me mudei pra Londres e fiquei. Ela me convidou, eu vim jogar capoeira e também dançar no show. E era somente por seis meses, depois o show fechou e eu resolvi ficar. Ela foi a primeira pessoa a lançar a capoeira como dança folclórica. Mestre João Grande também participou. Viajamos juntos eu e o Mestre João Grande naquela época.

O New York Times publicou uma matéria me dando crédito como o pai do break dance, o que não é verdade. Quando eu cheguei aqui, eu fazia muito trabalho nas escolas públicas, vinha muito ao Bronx e antes do break dance ser um dança... fazer sucesso, não tinha nem música naquela época, eu vi uns garotos fazendo break dance pelo recreio das escolas, pelas ruas, nas esquinas, principalmente durante o verão. Isso em 75 e como eles, às vezes, participavam, eram o público que eu tinha nas escolas públicas, eles começaram a ser introduzidos na capoeira e eles começaram a tirar movimentos da capoeira e colocar em break dance, como o peão de cabeça.

O Loremil fazia peão de cabeça muito bem, hoje em dia, os dancers até, eles chamam break dancers, até giram de cabeça melhor do que o capoeirista porque são dois objetivos diferentes, duas danças... capoeira é luta e dança e break dance somente dança. E eles começaram a tirar muitos movimentos da capoeira e colocar dentro do break dance, eu influenciei, eu e o Loremil, com a nossa presença aqui. Na época que o break dance estava crescendo, nós influenciámos os dançarinos de break dance, mas não somos criadores do break dance como falam, como você vai encontrar, muita gente quando fala do break dance fala que eu e Loremil fomos os criadores, não fomos os criadores, como também tem muita gente que fala que a capoeira foi só uma influência, como um dançarino muito famoso chamado Crazy Leg. Ele estava dando uma entrevista na televisão e ele mencionou meu nome, por coincidência eu estava assistindo. Ele se inspirou muito, ele treinou, ele fez aula de capoeira comigo e se inspirou muito em capoeira pra desenvolver o próprio estilo dele em break dance.

Naquela época não falávamos inglês, então tinha uma pessoa que traduzia, cada um com um berimbau, falávamos do berimbau, então eu e Loremil botávamos um disco pra mostrar porque não tinha ninguém pra tocar, então mostrávamos e os garotos ficavam loucos. E depois do show, todo mundo queria conversar com a gente, convidavam para os encontros que eles faziam de break dance. E naquela época o break dance era bem diferente, hoje em dia é mais uma coisa comercial ou, nem sei, mas antes era mais um movimento cultural. E tinha uma identificação de bairro também, tinham uns estilos.

Chegamos nas escolas através de uma organização chamada Art Connection. Eles levam artistas para as escolas públicas e a diretora assistiu eu e o Loremil participando do

show e ela achou interessante que os alunos tivessem a oportunidade de ver o que era a capoeira, principalmente em bairros onde a maioria eram negros ou latinos.

Por muito tempo, para sobreviver, fiz show num clube que era chamado Cachaça e Hipopótamo, era um clube famoso, um clube chique naquela época, nos anos 70 e início de 80 em Nova Iorque. Era uma forma de sobrevivência, o dinheiro que eu ensinava não era suficiente, não tinha muitos alunos, e eu não queria buscar subemprego... eu cheguei aqui e falei: Não! Pra trabalhar em subemprego prefiro voltar para o Brasil. Quero trabalhar aqui com a minha arte. E só tinha latino ou negro fazendo aquele subemprego e eu não queria entrar nessa. Eu disse e resolvi. Então, eu fazia show de quarta a sábado à noite nesses clubes e também participei de vários outros shows. Fiz shows na Broadway, fiz filmes, isso depois. Fui crescendo... Só eu e o Loremil. Nós que fazíamos show no Cachaça toda quarta, era o que ajudava a pagar um aluguel, se alimentar e manter... e fizemos isso por muito tempo, quatro anos ou cinco anos mais ou menos.

Eu estudei dança como profissão, eu sou um coreógrafo, como filosofia de vida eu sou um capoeirista e, paralelo à capoeira, sempre estudei dança e por isso eu me tornei um coreógrafo e dirijo uma companhia... fundei uma organização aqui, um grupo de dança e uma organização chamada Capoeira Foundation, e dentro da fundação temos vários projetos, tem a capoeira, tem os batizados, temos também a companhia de dança, temos um intercâmbio que fazemos com o Brasil e com outros países. E eu sou o diretor artístico dessa companhia de dança, Dance Brasil é o meu carro-chefe, é a capoeira, mas eu uso a capoeira da minha forma contemporânea e também da minha forma tradicional. Eu trabalho muito com tema e, inclusive, devido ao meu trabalho com o Dance Brasil eu acabo sempre sendo convidado por Universidades para ensinar. A Capoeira Foundation eu fundei em 1980. E o Dance Brasil em 1977.

Eu comecei capoeira com 10 anos de idade, em 1963, com Mestre Bobó, mas antes do Mestre Bobó, eu passei por umas pessoas que não eram sérias e quando eu descobri Mestre Bobó eu disse: “É com ele que eu quero aprender”.

Ele era de Salvador, um capoeirista muito respeitado, um angoleiro muito respeitado e fazia trabalho numa área chamada Dique Pequeno no Engenho Grande de Brotas. Então, é interessante porque eu nasci em Santo Amaro que é conhecido como terra de Besouro e fui criado no bairro onde Mestre Bimba nasceu que é o Engenho Grande de Brotas. Com sete,

oito anos de idade, eu mudei pra Salvador. Então a capoeira vem me seguindo desde quando eu nasci.

Não só em Santo Amaro, se falava mais do Besouro em Salvador. Eu ouvi falar do Besouro mais em Salvador. Hoje em dia porque a capoeira cresceu muito e evoluiu, as pessoas começaram a falar mais de Besouro agora, mas em Salvador sempre se falou de Besouro e com muito respeito, dedicavam a Besouro muito respeito. Era um grande capoeirista.

Aprendi capoeira angola até a idade de 15 para 16 anos, quando conheci Mestre Ezequiel. O Mestre Bobó não aceitava, não acreditava que os estilos se misturassem e acabei me identificando com a capoeira Regional. Mestre Ezequiel me incentivou, mais tarde, a passar pela Academia de Mestre Bimba. Em 1973, Mestre Bimba não ensinava mais, não tinha mais o ânimo, não era a idade, não poderia dizer que ele estava velho, mas ele não tinha mais a energia, a dinâmica e o incentivo, então quem ensinava, naquela época, eram dois alunos, um era o Alegria e outro era o Xampu. Mestre Ezequiel era o mais velho, era aluno do Mestre Bimba e era aluno formado, mas ele queria que eu tivesse experiência ali na academia do mestre. Então toda a capoeira Regional que eu aprendi foi com Mestre Ezequiel, mas passei pela academia de Mestre Bimba. O mestre morreu em 1974, um pouco antes dele morrer eu saí do Brasil.

As pessoas começaram a me chamar de mestre sem eu exigir... cedo eu não aceitava, na década de 80 começaram a me chamar de mestre... Hoje em dia, você encontra pessoas com o título de mestre, muitos jovens, 21, 22, 25 anos, eu acho muito jovem para ser chamado de mestre e eu aceitar. Mestre Ezequiel me formou em 1987, foi quando ele me deu o diploma e disse: “Hoje em dia você é mestre” , mas antigamente quem dava o título de mestre realmente para você era a comunidade, não existia formação de capoeira. Mestre Bimba foi primeiro a criar batizados, formaturas.

Não, Mestre Bimba sempre foi mestre, nunca teve cordel. E Mestre Bobó nem chamava de aluno, era discípulo... Mestre Bobó falava que não, a comunidade é que começava a chamar de mestre, mas quando você aprendia com um mestre você era um discípulo e chegava um momento que o mestre ia te mandar embora porque ele reconhecia seu trabalho.

Olha, hoje em dia é muito mais fácil, tem muito mais gente que conhece capoeira do que há 30 anos atrás ou 20 anos atrás, mas ainda existe muita gente que não conhece capoeira. Eu viajo toda hora e para muitas pessoas que vêm assistir meus shows ou assistir minhas palestras é a primeira vez que ouvem falar de capoeira, é a primeira vez que assistem capoeira, até porque a capoeira não fez parte... já chegou em Hollywood, tem um filme chamado “Somente os fortes”, em inglês é Only the strong, que usou o marketing da capoeira. E como o filme é pra jovem, em todo lugar que eu ia, os adolescentes dessa época, há 5 anos atrás, todo mundo sabia cantar “Paraná ê, paraná ê, paraná..”.

Não tinha nada a ver com a história da capoeira, não tinha nada a ver com capoeira, Hollywood manipula, estraga, faz lavagem cerebral e todo mundo acredita em Hollywood, então pensam que aquilo é capoeira. Para o capoeirista é péssimo, mas ao mesmo tempo foi um bom marketing pra capoeira, que se espalhou, fez a capoeira ser conhecida. De maneira, que tem muita gente, eu mesmo... eu fiz filmes com capoeira, mas não foram filmes com sucesso. Outra coisa também, se você for no museu da cidade, você vai me encontrar lá, me colocaram no corredor da fama porque eu colaborei com a panela cultural de Nova Iorque. Museu da Cidade, fica na 94 com a Quinta Avenida.

Continuo morando em Nova York. Eu tenho lá minha foto no Museu com o Rudolf Giuliani, o prefeito, ele falou que o bom de estar naquele museu é que daqui a dois milhões de anos vão saber quem eu fui e o que eu fiz pela cidade. Depois brincou e disse assim: “Se antes não explodirem Nova York.”. Mas acho tudo isso importante...